



WEEKEND IN BEIJING

A real time be-book



um livro de **Pedro Barbosa**

TE DISRUPT **BJ**
2011

Oct 31 - Nov 1, 2011
Beijing, China

VidaEconómica



Pedro Barbosa

Gestor, cronista e professor, ele próprio é um mashup de diferentes áreas do conhecimento que se complementam. Natural do Porto e com 39 anos, licenciou-se em Engenharia Industrial na Universidade do Minho. Possui graduações e estudos posteriores em Inovação (UM), Gestão de Centros Comerciais (UCP), Neurociências (MIT OCW) e MBA (EGP-UPBS). Desenvolveu carreira na Sonae Indústria, Sonae Sierra e Grupo BNP Paribas.

Actualmente integra os quadros do Grupo El Corte Inglés, é docente do IPAM e da EGP-UPBS e colunista regular de edições como a Vida Económica, Focus, Metro, OJE, HiperSuper e Jornal de Negócios. É autor de dois best sellers: Speculations and Trends (2009) e Harvard Trends (2011), ambos escritos em ambiente crowdsourcing.

www.pbarbosa.com

WEEKEND IN BEIJING

A real time be-book

BE BOOK

foi o nome que dei a este ensaio. Escrevi-o sem planos, da mesma forma que voei para Beijing. Sem planos e à procura de uma razão para esta *flashtrip* ao outro lado do mundo.



“be” do verbo ser, porque este é um livro real, em tempo real. Mas também como *beta electronic*. Porque é um ensaio em formato eletrónico que ainda pode vir a ser mudado e melhorado por todos que o lerem. Digam-me do que gostam mais e menos e sobretudo que parte cortariam, para ajudar a encolher a versão final.

Escrevam para **pbarbosa@gmail.com** ou deixem o comentário em **www.facebook.com/weekendinbeijing**.

Decidi escrever estas linhas já em viagem e depois de chegar acabei por aceder acrescentar-lhes algumas fotografias como complemento. A ideia era não substituir as palavras e descrições, pelo que são poucas e tiradas num Blackberry a precisar

WEEKEND IN BEIJING

A real time be-book

de reforma. Mas gosto delas, porque são genuínas, autênticas, uma espécie de versão anti-Photoshop.

Este não é um livro técnico, nem um romance, nem qualquer outro formato que eu conheça. É um livro de descrição em tempo real. Não existe um centímetro de ficção, de invenção ou fantasia. Todos os factos, acontecimentos e pensamentos aconteceram, é esse o ensaio que vos trago.

Esta foi uma experiência única. Porque nunca o tinha feito e porque não sei se o voltarei a fazer. Viajei sozinho, mas com muitas memórias da minha terra dos sonhos que é aquela onde vivo todos os dias. E é disso que falo aqui: da ação de Beijing e dos pensamentos que fui tendo por lá.

E desta forma dou-me. Dou-me como nunca me tinha dado. Ofereço uma pequena viagem para dentro de mim. Aos meus pensamentos, aos meus julgamentos, aos meus interesses, ao meu humor, aos meus valores.

A mim.



Weekend in Beijing

A real time be-book

WEEKEND IN BEIJING

A real time be-book

- O seu nome não está na lista.
- Tem de estar – respondo com segurança, mostrando o bilhete.

“Strategically Unprepared 4 Beijing”, tinha sido o *post* que colocara dois dias antes no Facebook e que refletia o *mindset* com que tinha decidido, de forma súbita e inesperada, viajar pela primeira vez à Ásia para um fim de semana sem planos nem expectativas.

Estou em Barajas, em frente ao balcão da Air China, procurando controlar a ansiedade. O bilhete na fila de emergência do Airbus tinha sido o único plano digno desse nome e acaba de falhar. Na realidade, a viagem inteira está prestes a colapsar e implodir num enorme nada. O meu nome não está na lista de passageiros e o avião – que vem de São Paulo – está cheio. Não parece haver solução... Abano a cabeça negativamente, incapaz de compreender a organização da Star Alliance, a quem compreí a viagem integrada Porto-Beijing.

Em frente a mim, Nadia multiplica-se em telefonemas, consciente que eu tenho um bilhete de pleno direito. De repente, um sorriso. Ainda de telefone na mão, pisca-me o olho, em sinal de aprovação. Desliga e explica-me que um passageiro não chegou a embarcar no Brasil, atribuindo-me rapidamente o cartão de embarque. Passo a segurança do aeroporto madrileno a pensar em como a sorte tem um impacto em cada dia das nossas vidas, mesmo quando supostamente não deveríamos precisar dela.

WEEKEND IN BEIJING

A real time be-book

Na zona ar do aeroporto sento-me a ler a *Economist*. Trouxe as revistas das últimas 4 semanas como uma declaração de intenções a mim mesmo. Uma parte de mim ri-se da estupidez, sabedor que vou ter mais que fazer que devorar revistas a falar dos PIGS e das *troikas*. No monitor à minha frente as opções são interessantes: Lima, Moscovo, Doha e Jeddah. Começo por me envergonhar de não ter a certeza onde fica a última opção, embora tenha lido vários artigos no *Courrier International*. Hesito entre a Arábia Saudita e os Emiratos Árabes Unidos. Não posso partilhar com ninguém esta minha estúpida ignorância, penso, enquanto me dedico a decidir em qual destino preferiria embarcar. Decido-me por Lima, embora Doha tenha disputado a final. Moscovo é *déjà vu*.

Ao som de “All or Nothing at All” da Diana Krall nos meus headphones, fecho os olhos, pensando no que me fez tomar a decisão de viajar totalmente de impulso. Recuo 8 anos, até um dia que haveria de me marcar para sempre.

Passavam poucos minutos das oito e meia da manhã e eu dirigia-me para o NorteShopping, um centro comercial suburbano de grandes dimensões, onde exercia funções de diretor adjunto. Ouvia “White Flag” da Dido e preparava-me para mais uma ronda de negociações com lojistas em fim de contrato e novos operadores, naquele que era um dos mais bem sucedidos centros comerciais da Península Ibérica. De repente, um Corsa preto ultrapassou-me, atravessando-se à minha frente. De dentro deste saíram quatro pessoas, três chineses e um ocidental, que descobri ser português segundos mais tarde. Olhei-os, boquiaber-

WEEKEND IN BEIJING

A real time be-book



“...senti uma
pancada
fortíssima
nas costas...”

to. Vinham com um ar ameaçador, todos na minha direção. Naqueles nanossegundos imaginei que fosse um erro. Alguma discussão de tráfego com qualquer outro condutor. Não consegui encontrar uma razão, um motivo, uma lógica, um racional. Essa foi a razão que me levou a ficar apático, enquanto se aproximavam. Sem fechar o carro, sem tentar sair, escapar, fazer marcha-atrás, apitar, telefonar ou procurar

algum tipo de saída para uma situação de crise.

Tiraram-me do carro, ao som de um “agora é que tu vais ver”. Só percebi que aquilo era mesmo comigo quando senti uma pancada fortíssima nas costas, que me fez desamparar sobre a porta do meu carro. Vi o taco de basebol levantar-se de novo, mas tive sangue frio para reagir. Na porta do carro guardava religiosamente uma pistola de alarme, que nunca antes usara. Cheguei a ela sem dificuldade e levantei-a, apontando ao joelho de um dos chineses. O tempo parou um segundo inteiro, até que bateram em retirada.

Não consegui segui-los, o que me irritou durante demasiado tempo. Pouco mais de três segundos volvidos lembro-me e entro em contacto com o centro comercial, via rádio. Tinha o hábito de trazer o rádio comigo no carro, podendo assim controlar as operações de pré-abertura antes ainda de chegar ao *mall*.

WEEKEND IN BEIJING

A real time be-book

Avisei a central e em menos de um minuto tínhamos a polícia – sediada no mesmo edifício – na rua em busca dos agressores. A operação de caçada não foi bem-sucedida.

Passei o resto da manhã a prestar declarações na Polícia de Segurança Pública e no hospital, onde percebi que o hematoma nas costas não tinha causado lesões relevantes, para meu alívio. De volta ao centro, analisámos, em conjunto, a situação num pequeno gabinete de crise, percebendo que a situação só podia ter a ver com um restaurante chinês, a quem não tínhamos renovado o contrato no fim do respetivo período. Os lojistas tinham tentado de tudo um pouco para conseguir novo contrato e esta ação tinha de estar correlacionada, embora os indivíduos não fossem os mesmos. Aparentemente, ou se tratava de uma ameaça ou uma vingança que acabou por não se concretizar pela inesperada reação.

Como consequência deste episódio, a empresa optou por colocar os gestores de topo do centro comercial sob escolta de seguranças privados e armados, 24 H por dia. Estava claro que os chineses conheciam as rotinas, tinham-me mesmo seguido no caminho de casa para o trabalho, atacando-me imediatamente a seguir a ter deixado o meu filho com familiares, como sucedia todos os dias. Num momento, a vida mudou. Andava em viaturas dissimuladas, por caminhos sempre diferentes e tinha de chamar a segurança até para ir ao supermercado.

Reunimos com a Liga Chinesa, uma espécie de associação dos chineses em Portugal, que se mostrou conhecedora do problema, mas foi incapaz de aportar alguma solução. Explicámos ao presidente da Liga Chinesa que o contrato não foi renovado – uma ação legítima e legal do centro comercial – por razões de higiene, das quais a empresa não abdicava, por respeito aos seus clientes. O centro tinha negociado com outro chinês, a quem exigira a abertura de uma janela que mostrasse a cozinha aos clientes finais. A Liga informou-nos que os novos lojistas tinham desistido, depois de serem recebidos a tiro por alguém, na chegada à sua própria residência.

Perante a incapacidade da Liga Chinesa em resolver a situação, o assunto passou para as mãos da Polícia Judiciária, habituada a tratar com criminalidade de naturezas mais agressivas ou graves, ou que exigem agentes à civil, que operem no submundo.

Senti-me dentro de um filme, indignado com tudo o que ouvia e, sobretudo, preocupado com novas situações de crise. Pelo meio, passaram-se situações que hoje recordo com graça. Os seguranças que me acompanhavam sistematizavam tudo o que viam. Matrículas de carros, horários de vizinhos, movimentações e até telefonemas. Um dos episódios mais curiosos passou-se quando um senhor que tinha ido montar uma semana antes cortinas a minha casa se aproximou da vivenda, pelas oito e um quarto da manhã. O montador tinha-me ligado a avisar que tinha deixado um escadote e eu disse que podia passar em qualquer dia, por essa hora, porque eu estava sempre em casa.

WEEKEND IN BEIJING

A real time be-book

Entretanto, aconteceu o episódio da agressão e nunca mais me lembrei do homem. O indivíduo chegou vinte minutos antes e estacionou a 40 metros da casa, ficando vigilante aos seus movimentos, de forma a abordar-me à saída. Os seguranças aperceberam-se da situação, mantendo vigilância dentro de outra viatura, pouco atrás desta. Às oito e um quarto o montador sai da viatura, dirigindo-se à minha casa. No interior, eu nem suspeitava do que estava a acontecer. O segurança interrompeu o caminho ao surpreendido montador.

- Posso saber onde se dirige?
- Vou tratar de uns assuntos ali naquela casa - respondeu, surpreendido, apontando para a minha casa.
- Não, não vai. O senhor vai resolver os assuntos que tem aqui e comigo!
- Deixe lá, eu venho noutro dia.

O segurança agarrou-lhe o braço, pedindo explicações. O homem estava extremamente receoso, contando, a medo, a razão que o levava ali. Quando tocou à campainha, vi o homem, amedrontado, com o segurança alguns metros atrás, tenso e alerta. Soltei uma gargalhada, deixando-o entrar.

Algumas das situações por que passei naquelas semanas têm piada, vistas à distância. Outras, nem por isso, nem hoje. Entre tensões, discussões, pressões e muito *lobbying*, acabou por se chegar a uma solução, que obrigou a Máfia chinesa a recuar. A intervenção da “secreta” portuguesa e do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras terá sido decisiva. O problema re-

WEEKEND IN BEIJING

A real time be-book

solveu-se, a situação ultrapassou-se, mas os momentos não foram esquecidos. Em particular, a forma estereotipada como fiquei a desconfiar do povo chinês marcou os anos seguintes.

Quando preparei o livro “Speculations & Trends”, no verão e outono de 2009, passei semanas a estudar a China como país e as novas realidades deste mercado emergente. A análise foi neutra e distante – até porque o livro foi realizado numa lógica de *crowdsourcing* –, mas esta ação obrigou-me a mergulhar no assunto China que antes evitava com indignação e consciência. Nos anos seguintes, fui fazendo algumas conferências sobre tendências aqui e ali, mantendo uma cada vez mais intensa relação com as novas realidades do mercado chinês e suas consequências na economia mundial. No verão de 2011 voltei a intensificar a investigação, na preparação do livro “Harvard Trends”. A China voltou à ordem do dia. Aos poucos cedi à emoção e dei menos importância aos estereótipos do passado.



“Sinto-me cheio de energia e curiosidade...”

Entro no avião, repleto de chineses. O ambiente é de um nível surpreendentemente baixo. Imagino que a maioria sejam emigrantes em Espanha que voltam a casa por alguma razão. Sento-me, abrindo um livro. Ainda não entrei na história, quan-

WEEKEND IN BEIJING

A real time be-book

do me distraio com pensamentos sobre este fim de semana. Sinto-me cheio de energia e curiosidade, mas ainda não sei para onde vou, e muito menos porquê. Olho para o horizonte pela pequena janela, enquanto levantamos voo a caminho do Oriente. Procuro descobrir o que me levou a tomar a decisão desta *flashtrip* até ao outro lado do mundo, numa altura em que já não tinha tempo para tudo aquilo em que estava envolvido.

Foi de repente, numa noite em que me encontrava perto do colapso de cansaço. Estava a terminar a preparação do “Harvard Trends”, imerso entre investigação, escrita, discussão dos artigos já preparados com uma rede de colaboradores e a preparação do plano de comunicação do livro, em particular do seu lançamento. Em ambiente multitarefa, abri os *sites* Huffington Post, Wired, Mashable e TechCrunch, na procura de confirmar uma informação da Caltech para a coluna Sniffer que publico semanalmente no “OJE”.

Confesso que foi a imagem que me fez decidir, logo ali. Surpreendeu-me, cativou-me, atraiu-me e fez o meu inconsciente decidir o que eu ainda não sabia querer. A partir daí, só tive de seguir os meus instintos.

Era a muralha da China em grande destaque, numa foto tirada de dentro da mesma e que perspetivava uma sensação de presença. Na foto via-se um caminho descendente da muralha até uma pequena torre intermédia, da qual nascia outro que crescia até à próxima torre, já na parte superior, junto ao céu.

WEEKEND IN BEIJING

A real time be-book

Em letras de um verde cheio de energia lia-se “Beijing, China” e logo abaixo TechCrunch. Tudo na imagem me cativava, mas foi a parte superior que fez o click na zona inconsciente do meu cérebro. A tapar o céu e como fundo lia-se em letras enormes “DISRUPT”. O exótico que uma *flashtrip* a Beijing podia ter, ainda mais para conhecer a conferência mais high tech do mundo eram motivos de excitação imediata, mas a palavra *disrupt* trouxe aquilo que eu precisava: a energia cinética capaz de mover tudo para ir. Esta foi uma nova e súbita necessidade que não sentia um segundo antes. Para planear esta viagem teria de ser masoquista, já que este era talvez o pior momento de sempre para empreender uma loucura desta natureza.

Do que eu mais precisava agora era também aquilo de que eu menos precisava. Para além do intensíssimo trabalho na empresa de retalho onde desempenho funções e do particularmente crítico momento que o mercado português atravessava, tinha ainda mil e um projetos em que estava inserido. Desde logo o livro “Harvard Trends”, em fase final de preparação, que tinha de ser entregue até ao fim do mês, o que se incompatibilizava desde logo com o TechCrunch. Depois, as aulas no Instituto Português de Marketing, as revisões de livros para o Jornal de Negócios, os artigos de opinião para mais quatro edições, a preparação de conferências onde iria estar como orador no Porto, Lisboa e Paris nos 20 dias subsequentes e um sem-número de participações diversas em projetos múltiplos.

WEEKEND IN BEIJING

A real time be-book

Cliquei na fotografia, surpreso com o meu súbito interesse. No meu trabalho sou confrontado diariamente com dezenas de conferências, palestras, workshops, webinars e todo o tipo de encontros profissionais da mais variada forma e tipo e nunca tinha tido este impulso magnético.

Sim, magnetizado, foi como me senti. Levantei-me para ir buscar um café que me clarificasse a mente. Espreitei o relógio da cozinha, situado sob uns azulejos que, de tão antigos, já entraram na era vintage. Toda a casa é assim, misturando contemporâneo com pré-histórico.

Passavam vinte minutos das três da manhã. Voltei ao portátil com a chávena de café na mão e abri o calendário onde concentrava ações, eventos, compromissos e viagens. Não parecia haver forma de alterar os planos, tendo em conta que já desde há quinze dias dormia religiosamente quatro horas e meia por dia, o valor que descobri ser o mínimo para me manter todo o dia com índices de concentração adequados às minhas funções. A experiência do meu primeiro livro tinha sido traumática neste aspeto, com três semanas a dormir três horas diárias que me levaram a um cansaço extremo que agora queria evitar. Já não produzi nada mais naquela noite para o “Harvard Trends”. Abri um mail que enderecei a mim próprio com o título “Beijing 2011” e que reunia os passos do plano de contingência necessários para desbloquear o problema. Desde logo, terminar o livro três dias mais cedo, o que, nesse momento, parecia impossível. Olhei demoradamente o calendário, imaginando como podia resolver cada subproblema isoladamente, recorrendo a um diagrama de Gantt mental.

